

# Sobre a comunicologia de Vilém Flusser:

uma visada epistemológica

Tiago Quiroga<sup>1</sup> e Guilherme Policena<sup>2</sup>

## Resumo

Partindo do importante pressuposto que caracteriza a tradição epistemológica francesa, de que as redes conceituais desempenham papel central na constituição das áreas de conhecimento, o artigo propõe a teoria da comunicação do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser como contribuição decisiva às especificidades do campo comunicacional. Com base na mediação como atual forma histórica da comunicação, problematiza-se a contraposição de informação e sentido como estrutura ambígua do objeto comunicacional, em que o pensamento flusseriano pode ser visto como caminho comum aos dois polos de entendimento. Em termos metodológicos, são realizados inicialmente apontamentos acerca do percurso filosófico de Flusser, que vai da linguagem à comunicação. Em seguida, explora-se a ressignificação que o autor faz da informação, inserindo-a num enquadramento epistemológico propriamente comunicacional. Posteriormente, apresenta-se a escalada da abstração como perspectiva fenomenológica da história da cultura, revelando o código simbólico como mediação fundamental entre a informação e o sentido. Por fim, procura-se lançar um olhar epistemológico sobre a mediação, em que ela conforma o código zero dimensional, reacendendo o debate ontológico acerca do comunicacional na presente área de estudos.

## Palavras-chave

Código; Comunicologia; Epistemologia; Flusser; Mediação.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, pós-doutorado em Antropologia pela Freie Universität (FUB), Berlim, Alemanha. Docente da Faculdade de Comunicação (FAC), Universidade de Brasília (UnB). E-mail: tagorj@terra.com.br

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na linha de pesquisa de Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. E-mail: guilhermepolicena@hotmail.com

# On Vilém Flusser's Communicology:

an epistemological view

Tiago Quiroga<sup>1</sup> e Guilherme Policena<sup>2</sup>

## Abstract

Beginning with the important assumption that characterizes French epistemological tradition, that conceptual networks play a central role in the constitution of knowledge areas, the article proposes the theory of communication by the Czech-Brazilian philosopher Vilém Flusser as a decisive contribution to the discursive specificities of the communication field. Based on mediatization as the current historical form of communication, the opposition of information and meaning as an ambiguous structure of the communicational object is problematized, in which Flusserian thought can be seen as a common path for both poles of understanding. In methodological terms, notes are initially made about Flusser's philosophical path, ranging from language to communication. Then, the author's reframing of information is explored, inserting it into a properly communicational epistemological framework. Subsequently, the escalation of abstraction is presented as a phenomenological perspective of the history of culture, revealing the symbolic code as a fundamental structure that mediates information and meaning. Finally, an attempt is made to take an epistemological look at mediatization, in which it conforms the zero dimensional code, rekindling the ontological debate about the communicational in the present area of studies.

## Keywords

Code; Communicology; Epistemology; Flusser; Mediatization.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, pós-doutorado em Antropologia pela Freie Universität (FUB), Berlim, Alemanha. Docente da Faculdade de Comunicação (FAC), Universidade de Brasília (UnB). E-mail: tagorj@terra.com.br

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na linha de pesquisa de Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. E-mail: guilhermepolicena@hotmail.com

Se adotamos a prerrogativa de que cada área do conhecimento apresenta suas próprias particularidades, pode-se dizer que, em comunicação, uma das mais importantes reside no protagonismo de suas teorias junto à constituição de seu objeto de estudo (QUIROGA, 2013). A rigor, a afirmação não diz respeito exclusivamente à comunicação; de outra maneira, se estende a um conjunto ampliado de saberes. Interessado na *conquista* do social por parte da sociologia, Bourdieu defende os conceitos como núcleo originário daquele campo. Pela remissão a Marx, Weber e Durkheim, ele situa o “leque bem definido de problemas que utilizam métodos adaptados a esse trabalho: [...] ou seja, um estado de realização científica que é aceito por uma fração importante dos cientistas e que tende a impor-se a todos os outros” (BOURDIEU, 2004b, p.29). Seu objetivo é mostrar que não existe objeto que não resulte da articulação conceitual (e intencional) entre o fenômeno e o arcabouço teórico em cada campo (QUIROGA, 2013). Centro das disciplinas, as teorias não só fixam novas fronteiras em torno das quais se desenrola o feito social, mas remetem à apropriação de uma realidade articulada pelo pensamento, que não atende a qualquer pressuposto, mas àqueles constituídos pelo capital científico “puro” ou intelectual (BOURDIEU, 2004a).

No presente artigo explora-se tal pressuposto, observando a dialética entre mediação e a comunicologia, elaborada pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991). No primeiro caso, trata-se de perseguir o *comunicacional* pela mediação, fenômeno histórico que remete à centralidade dos processos técnico-midiáticos, bem como a sua complexificação no tecido social hoje. No segundo, tem-se em Flusser, a despeito de toda a multiplicidade teórica do campo, uma forma de realizar o empreendimento que, ao amenizar o hiato histórico entre as tradições da informação e do sentido em que as teorias da comunicação foram estabelecidas, oferece importantes chaves de leitura não apenas ao fenômeno da mediação, mas, sobretudo, à própria constituição da episteme comunicacional (QUIROGA, 2013). Na esteira de Bourdieu (2004b), para quem a autonomia (relativa) dos campos de conhecimento depende do nível de originalidade das teorias produzidas internamente, isto é, do acúmulo de *capital simbólico* desenvolvido em cada campo, o artigo persegue elementos comuns, captados por Flusser, às duas tradições epistemológicas, *sentido* e *informação*, no que a originalidade teórica dessa zona comum, especialmente presente em sua comunicologia, contribui decisivamente para uma singularidade discursiva própria ao campo da comunicação.

Veremos que a região entre os paradigmas objetivo e intersubjetivo (que apontam para uma intersubjetividade “hipercodificada”) é um dos elementos que podem contribuir para a especificidade comunicacional desde a mediação. Se o que Flusser tentou foi dar “passos hesitantes e incipientes na direção de uma

futura comunicologia” (FLUSSER, 2014, p.35), tentaremos realizar apontamentos que pensem suas potencialidades para uma *tradução* comunicacional dos  *fatos do mundo* (BOURDIEU, 2004a) desde o fenômeno da midiatização. Ou seja, em termos epistemológicos, trata-se de tensionar a comunicologia de Flusser com as atuais conformações práticas da comunicação, especialmente aquelas vinculadas à tecnoimagnetização e descentralização em rede, observando em que medida ela estaria impregnada de um valor distintivo cuja originalidade diferenciaria a comunicação de qualquer outro campo social (QUIROGA, 2013).

## Vilém Flusser e a comunicologia

Judeu nascido na Tchecoslováquia, o filósofo Vilém Flusser teve seus estudos formais em filosofia interrompidos pela máquina totalitária do nazismo, que veio a forçar sua emigração junto com sua companheira Edith Flusser para a Inglaterra, temporariamente, e depois para o Brasil, onde se fixou. No Brasil, recebeu a notícia do extermínio de seus familiares. O extremo desolamento emocional e a sensação de estar sem lugar, “sem chão” (*bodenlos*), juntamente com o trabalho comercial na firma do sogro, para o qual ele se considerava incompetente, adicionaram grande desafio em sua jornada de adaptação a uma nova vida surgida como que por acidente. De maneira geral, podemos dividir sua obra em duas grandes fases: a primeira, desenvolvida no Brasil, buscava uma articulação entre filosofia da linguagem, fenomenologia e existencialismo; chegando à radical concepção de identidade entre *Língua e realidade*, título de seu primeiro livro. A segunda fase, desenvolvida na Europa, tendeu para a reflexão sobre comunicação, tecnologia, teoria da mídia e arte. Várias das conclusões na segunda fase, contudo, são auxiliadas pelo arcabouço teórico da primeira. Infelizmente, Flusser morreu em um acidente automobilístico em 1991, justamente quando a unidade de suas fases estava se solidificando em uma abrangente teoria, batizada de comunicologia, que ele vinha expondo preliminarmente em artigos e palestras.

Se o interesse da gente se encaminhou cedo em direção à filosofia da linguagem, foi porque a linguagem foi captada e vivenciada como sistema simbólico, e se, mais tarde, tal interesse foi se ampliando e agora abrange o terreno da comunicação, foi porque a essência da comunicação, a “mediação”, está sendo captada e vivenciada como simbolização, isto é como *Sinngebung* = dar significado. (FLUSSER, 2007a, p.154-155)

O tom em que Flusser expressa seu diagnóstico sobre a sociedade midiatizada a partir da comunicologia é de uma complexidade que não pode ser reduzida a uma posição tecnofílica (otimista) ou tecnofóbica (pessimista) no tocante ao sentido ético da técnica para a existência humana. Mais profundamente, o filósofo pretende elucidar aquelas estruturas que justamente desafiam e suscitam o questionamento humano,

aquilo que em si é a fonte das reações tanto de entusiasmo quanto de medo.

Seu ferramental teórico irá, por um lado, se ancorar na fenomenologia e no existencialismo; por outro, na cibernética e teoria da informação (HANKE, 2004, p.67). Com a fenomenologia de Husserl, ele aplica o método da redução (*epoché*), com vistas a captar os fenômenos em sua essência, despido de teorias prévias (historicistas) e das categorias epistemológicas prefiguradas pela forte objetividade da modernidade. Com o existencialismo (de viés heideggeriano), investiga o sentido dos esforços humanos no contexto da radical condição de *ser-para-a-morte*, colocando a tensão humana diante do vazio como elemento-chave para a elaboração teórica da comunicação. Da cibernética e da teoria da informação, busca uma descrição formal dos processos comunicacionais, desde seus estágios rudimentares até os mais avançados tecnologicamente. Assim como a preocupação primordial na fase brasileira não é com os pormenores da linguagem, à maneira dos linguistas e dos filólogos, e sim com sua essência ou sentido fundamental, também na fase europeia ele não está interessado em analisar os aspectos puramente técnicos dos novos meios, mas em entender seu sentido para a cultura, cognição e o estar-no-mundo existencial do ser humano.

Flusser era um comunicador no sentido mais profundo do termo. Fazia diferentes linguagens se comunicarem. Quando não resolvia as velhas dicotomias na história das ideias, no mínimo endereçava o questionamento de forma extremamente provocativa. Essa postura permitiu que investigasse o fenômeno da comunicação de maneira original, unindo as modalidades interpessoais com a comunicação mediada ou midiaticizada. Sua insistência em uma posição não dualista foi uma autêntica abertura para o entendimento da complexidade originária do objeto comunicacional. Ele identificava que o problema da comunicação reside na zona de tensão entre as ciências da natureza e as do espírito (humanidades). A comunicação apresenta dupla natureza: por um lado, tem uma dimensão formal, em que a informação é produzida, armazenada e transmitida; por outro, uma dimensão existencial, em que essa produção tem o objetivo de encobrir o vazio da condição humana ao produzir um universo intersubjetivo artificial.

Para o filósofo, a comunicação não deve ser estudada estritamente como fenômeno natural, mas humano, que nasce do íntimo de suas intenções. “O caráter não natural desse fenômeno, que se manifesta sob a perspectiva da interpretação, ainda não foi compreendido com a artificialidade de seus métodos (a produção intencional de códigos)” (FLUSSER, 2007b, p.93). Os códigos, embora sejam percebidos como objetos acabados “aí fora” no mundo, carregam lastro na intersubjetividade (convenções, consensos, narrativas, valores e sensibilidades compartilhadas). Esta remete ao ser-com-outros (*mitsein*), conceito presente na filosofia de Martin Heidegger, que se refere à diluição do Ser-aí (*Da-Sean*) na impessoalidade coletiva para esquecer sua condição de *ser-para-a-morte*.

Toda a ambiência cultural e civilizada que cerca o indivíduo – gestos corporais

empregados na comunicação cotidiana, placas e sinalizações de trânsito, rótulos de produtos, a arquitetura que dá forma e cor à paisagem urbana, os *outdoors* nas ruas, as imagens de satélite – tudo isso integra um mundo de segunda ordem (ou segunda natureza), que faz esquecer a primeira natureza, em que o humano é invariavelmente um ser preso na cela da solidão, com a morte à sua frente. Nesse sentido o homem “é um idiota (na origem da palavra, uma pessoa privada, *Privatperson*), caso não tenha aprendido a se servir dos instrumentos de comunicação, como, por exemplo, a língua” (FLUSSER, 2007b, p.89).

Esse segundo mundo (codificado) é tecido pela comunicação, e é por isso que Flusser a define como artifício ou arte de encobrir a primeira natureza. O encobrimento produz uma alienação não só em relação à primeira natureza, mas também em relação à própria comunicação – o que conduz à impressão de “solidez” ou “realismo” da segunda natureza. “Após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade: depois que se aprende o código dos gestos, pode-se esquecer que o anuir com a cabeça significa apenas aquele ‘sim’ que se serve desse código” (FLUSSER, 2007b, p.90). A comunicação está tão pressuposta, imbricada e difusa no mundo codificado, que sequer é percebida como sua essência. Eis o desafio epistemológico que Flusser se propõe a enfrentar: restaurar a consciência do primado da comunicação na construção da realidade. Caminho de “desideologização” ou “desesquecimento” (*aletheia*), no rastro da postura heideggeriana de voltar os olhos para as essências e perguntas fundamentais.

Na busca dos fundamentos teóricos que subjazem ao mundo codificado, Flusser irá desenvolver uma genuína reflexão sobre os códigos, que será o mote central de sua comunicologia. Os códigos são sistemas ordenados de símbolos que possuem a capacidade de substituir o objeto a que se referem, isto é, de realizar mediação. Por isso o código pode ser visto por dois ângulos: como dado da natureza (objeto/processo) e como dinâmica intersubjetiva (convenções/alteridade).

Para Flusser, a dinâmica de codificação e decodificação constitui a parte *formal* da comunicação. Ele irá distinguir dois movimentos básicos nesse processo: o discurso, em que a informação faz referência a uma fonte emissora; e o diálogo, em que ela é referente a mais de um participante. O discurso se dá na emissão e no consumo de informação; o diálogo, em sua reelaboração e retroalimentação no sistema comunicacional.

É possível, por exemplo, distinguir períodos predominantemente dialógicos (como o ancien régime, com suas tables rondes e assemblées constitutionnelles) e períodos predominantemente discursivos (como por exemplo o Romantismo, com seus oradores populares e sua noção de progresso). E pode-se tentar compreender a atmosfera existencial que diferencia a participação no diálogo da participação no discurso, graças à crítica da história, ao mesmo tempo estética, política e epistemológica. (FLUSSER, 2007b, p.98)

Dentro da concepção existencial de comunicação como arte de encobrimento do vazio, pode-se dizer que a comunicação só tem sucesso quando existe um equilíbrio ou igualdade entre as práticas discursivas e dialógicas dentro de uma sociedade. Adiante, será exposto como toda essa dinâmica é possível a partir de algumas estruturas fundamentais – os códigos que informam o mundo e, ao gerar sentido, produzem o universo da comunicação.

## “In-formação” e comunicação

A reflexão sobre a faceta informacional dentro da teoria da comunicação de Flusser irá, em muitos pontos, confluir com as tradições da teoria matemática da comunicação (SHANNON e WEAVER, 1975), e da cibernética (WIENER, 1968). Diferente do conceito de informação presente na teoria matemática da comunicação (TMC), porém, a visada fenomenológica flusseriana resgata o sentido de informar como impor forma à matéria amorfa, in-formar (FLUSSER, 2007b, p.24).

A distinção parte de um jogo de oposição entre os conceitos de matéria amorfa (*hylé*) e forma (*morphé*), ambos os termos com origem no idioma grego. *Hylé*, usada para designar madeira – mas no sentido daquela estocada em depósitos de carpinteiros – remete àquilo que não foi esculpido pelo trabalho humano para assumir a forma de bens úteis ou significantes. Já *morphé* se refere à forma impressa nessa madeira, ao projeto ou desígnio (*design*) informado no material. A informação em Flusser é, portanto, o processo de passagem – via intenção e ação humanas – de um objeto do domínio da natureza para o domínio da cultura (primeira natureza para segunda natureza). Todo esse processo de informação é fundamental para o entendimento abrangente da comunicação. O fenômeno da comunicação e o da informação, porém, ainda são frequentemente sobrepostos de maneira indistinta. Flusser se empenhava para os diferenciar.

A mistura dos conceitos de comunicação e informação já era observada nos postulados da TMC e aponta para um problema ainda maior: pouco trabalhado em sua ontologia própria e esvaziado de uma essência, o conceito de comunicação cabe facilmente no ferramental teórico de outros sistemas, sendo simplesmente adaptado como processo secundário no interior de um panorama maior.

Para Shannon (1975, p.9), imbuído das preocupações da engenharia, o problema a ser resolvido pela teoria é técnico e matemático, e “os aspectos semânticos de comunicação são irrelevantes para o problema de engenharia”. O importante durante a recepção pelo terminal (decodificação) não é o aspecto semântico que será gerado por um suposto intérprete ou agente cognitivo, mas sim em que nível (quantificável) a mensagem será incorporada pelo sistema decodificador, bem como em que modo ocorrerá a seleção entre mensagens possíveis, disponíveis e previstas inicialmente

no sistema, cabendo ao programador calcular as projeções alternativas. Os efeitos de eficácia são estipulados por quem programa e avalia o sistema; e o critério para dizer se ocorreram é simplesmente observacional quantitativo: há ou não há. Outros critérios que envolveriam remissão ao campo cultural ou psicológico não são incluídos na constatação de eficiência da comunicação.

Na comunicologia flusseriana encontram-se muitos pontos de contato com a teoria matemática da comunicação (TMC), principalmente na terminologia adotada (emissor/receptor, *input/output*, mensagem/ruído), já que ela busca um esclarecimento descritivo do processo de codificação e decodificação. Há também a incorporação dos conceitos de circularidade e retroalimentação, oriundos da cibernética. O diferencial é que o esquema processual da informação não é visto de modo ensimesmado, e sim como parte de um processo maior com enquadramento epistemológico próprio. A comunicação, afinal, só se manifesta em sua plenitude dentro da facticidade da condição humana e seu entrelaçamento espaçotemporal com a técnica. Logo, a informação tal como concebida na TMC só pode se realizar na forma de comunicação se estiver inserida nos códigos (sistemas simbólicos) da cultura; isto é, se produzir sentido.

Outra discrepância está no que diz respeito ao fenômeno de tradução. Na TMC, a tradução de informação partindo de um sistema para outro depende da sua redução a uma unidade quantitativa básica de natureza material – como o impulso elétrico ou, mais comumente na atual arquitetura dos computadores, o código binário. Já na teoria da comunicação flusseriana a estrutura fundamental é o código simbólico (portanto, não natural). Os tipos fundamentais de códigos (como se verá mais detalhadamente com a escalada da abstração) são definidos por sua dimensionalidade fenomenológica – por exemplo, o código bidimensional (presente nas imagens tradicionais) e o unidimensional (presente nos textos). Nessa lógica, a tradução (transcodificação) corresponde à conversão da informação expressa em um código para um código de outro tipo. Um exemplo simples é a conversão de um texto escrito para a fala; outro, mais sofisticado, é a adaptação de um romance em livro para um filme cinematográfico (transmídia).

Explorado de maneira resumida o paralelo entre o pensamento de Flusser e a tradição informacional, nota-se que o filósofo desenreda a confusão entre informação e comunicação encontrada nas pesquisas do campo, sem descartar os preciosos contributos descritivos da TMC e da cibernética. Além da discussão conceitual, Flusser lança importantes *insights* envolvendo questões epistemológicas e metodológicas da comunicação. Ele aponta que apreender o fenômeno da comunicação (bem como elaborá-lo conceitualmente) ainda assim não fornece a metodologia empregada para prosseguir com a investigação do objeto. Não é o fenômeno em si, mas sim a relação entre ele e o posicionamento do pesquisador (que busca iluminar este ou aquele aspecto e desdobramento do comunicacional) que irá gerar a opção metodológica.

Se a ênfase for na informação (processo objetivo), o estudo conduz à informática do comunicacional; se for no sentido (acontecimento intersubjetivo), conduz às suas interpretações filosóficas e humanísticas. “O importante aí é afirmar que não há uma contradição entre a abordagem interpretativa e a abordagem explicativa da comunicação, entre a teoria da comunicação e a informática” (FLUSSER, 2007b, p.95-96). Visto que a comunicologia funde o universo material da comunicação com seu universo intersubjetivo na cultura, passam a ser então de sua competência diferentes áreas: ciência, arte, política, religião, economia, direito etc. Elas seriam investigadas sob o ângulo em que se constituem como sistemas de códigos que produzem sentido e ampliam o campo da intersubjetividade humana.

Ao passo que o pensamento flusseriano alça voos abrangentes na busca de uma unidade epistemológica não só para a comunicação, mas para o próprio saber humano, há também um esforço de não cair em certa “tentação metafísica”. O uso dos termos exatos e “secos” da cibernética se liga a tal propósito – produzir clareza descritiva e manter os pés no chão. Nas reflexões existenciais, Flusser lança mão de conceitos transcendentais da fenomenologia e do existencialismo, mas sempre em um tom secularizado. É fato que partir para uma investigação séria da comunicação, já assumindo um pano de fundo ontológico originário para investigá-la, seria apenas explicá-la, tragá-la para o interior do *logos* clássico da presença. Mas pensar a comunicação é também pensar com ela, a partir dela. Na visão de Lucrecia Ferrara (2018), “Flusser escreve [...] uma comunicologia que, longe de se pretender uma teoria ou ortodoxia, apresenta-se como uma forma de entender a comunicação no seu fazer-se” (p.37). Não é só gerar a comunicação dentro de uma explicação, mas perceber que a comunicação está pressuposta no próprio ato de explicá-la.

No fim das contas, a comunicologia não deixa de evocar uma espécie de metafísica subvertida. Com a ideia de que a comunicação atua existencialmente na negação da segunda lei da termodinâmica (entropia), produzindo ordem contra a crescente desordem natural, tem-se um princípio organizador situado claramente fora da mera constatação física, ou seja, transcendente. Além disso, o espaço intersubjetivo, em que a comunicação tece seus véus e cria o mundo codificado, só é concebível caso haja uma abertura para o Outro – para uma alteridade radical que não pode ser concebida exclusivamente pelo pensamento lógico-analítico. Esse tema tem um forte *background* tanto na fenomenologia quanto na teologia judaica, cuja interseção se substancializa com destaque nas obras de Levinas e Buber – o último influência marcante no pensamento de Flusser. A busca da relação Eu/Tu seria, no fundo, um impulso a perpassar as realizações técnicas que buscam promover a conectividade humana e produzir um tipo de “consciência coletiva”. Essa é a face positiva que Flusser enxergava no potencial da sociedade telemática e que o foi reaproximando do judaísmo em seus derradeiros anos.

## A escalada da abstração: fases da cultura conforme o sentido dos códigos

A escalada da abstração propõe uma perspectiva fenomenológica da história da cultura, na qual o fundamento de transições entre paradigmas culturais está vinculado à mudança de código dominante nas comunicações. Tais transições ocorrem por meio da perda progressiva das dimensões espaçotemporais correlacionadas à experiência vivida da cultura. Flusser não se arroga fazer uma historiografia dos códigos. A preocupação não é estabelecer com precisão quando cada passo foi tomado, mas captar o que há de fundamental nas diferentes grandes fases da história humana, no sentido da codificação.

Os momentos podem ser divididos em cinco fases, cada qual marcada por uma modalidade predominante de experiência vivida (*erlebnis*) correspondente a um código geral, responsável por unificar a cultura e configurar a *erlebnis* dentro de uma quantidade de dimensões – das quatro até a “zero-dimensão”.

a) Quatro dimensões: as três dimensões do espaço mais o tempo têm cada uma relevância indistintamente distribuída na experiência vivida. Trata-se do mundo da vida (*lebenswelt*) em sua esfera mais primordial de fenomenalidade. O contato com o mundo é mediado pela plenitude do corpo e orientado para a sobrevivência.

b) Três dimensões: a primeira descida na escalada da abstração isola a tridimensionalidade do espaço ao in-formar certos objetos que assumirão um novo sentido para a experiência – no caso, abreviar a realização de necessidades de sobrevivência. A fenomenalidade puramente derramada e fluida do espaço-tempo no 4D, agora é substantivada em objetos que possuem determinado volume, profundidade, e carregam valor utilitário – ferramentas e artefatos. O contato com o mundo, antes difuso na corporeidade integral, desloca-se para a manualidade e sua orientação vai da sobrevivência pura para a utilidade (poupar recursos, abreviar esforços, aumentar eficiência).

c) Duas dimensões (pré-história): a cultura tridimensional permeada por artefatos já tem rudimentos civilizacionais, mas para que tudo não se dissolva no puro sensorialismo momentâneo de exploração do ambiente e uso dos objetos, é preciso criar um meio que permita maior continuidade e transmissão da experiência vivida. Criam-se então as imagens tradicionais (pinturas nas cavernas) como um modo ao mesmo tempo mnemônico e inventivo de registrar a experiência, vivida no nível anterior, representando os acontecimentos relacionados à experiência primordial (4D) já perpassados pelo uso das ferramentas (3D). O contato com o mundo tem na manualidade proporção diminuída e na visualidade proporção aumentada. Busca-se mirar ao mundo para representá-lo em imagens, e visar às imagens para imaginar o mundo.

d) Uma dimensão (história): considerando que as imagens passaram a ser

idolatradas e consideradas encobridoras da realidade do mundo, surgiu a necessidade de explaná-las, tirar-lhes a magia. Então, a linguagem visual das imagens foi sendo transcodificada em textos. Eles vêm para “desfiar” as imagens, articulá-las de modo linear, processual, como uma série sucessiva de acontecimentos (MARCONDES, 2006). Elas “são colocadas em um nível superior e guardadas (*aufgehoben*)” (FLUSSER, 2014, p.56). Eis a consciência histórica. O contato com o mundo torna-se menos visual e mais conceitual, calcado em uma racionalidade linear, sucessiva, narrativa e explanatória.

e) Zero-dimensão (pós-história): a pretensão dos textos de ser a salvaguarda da objetividade começa a ser abalada à medida que eles tentam expressar avanços cada vez mais complexos nas ciências: tornam-se obscuros, herméticos, inconcebíveis pela imaginação. Esse seria o sintoma da crise da história e o que demandou o próximo passo da abstração. A epistemologia moderna, subsidiada pela racionalidade lógico-matemática, já havia iniciado o processo de decomposição do código unidimensional (linhas) em pontos (dados discretos, quantitativos e calculáveis). “Nesse momento, os números (*zahlen*) migram do código alfanumérico e se transformam em numerais (*nummer*)” (FLUSSER, 2014, p.157). As teorias científicas passam a se expressar de modo mais matemático, buscando conceber o universo por meio do cálculo. É bebendo dessa fonte teórica que a ciência tem seu mais acelerado avanço no domínio tecnológico. A revolução da informação e das telecomunicações, por exemplo, pode ser vista como consequência prática das teorias científicas modernas na física e na computação. A experiência vivida nessa fase é povoada de imagens técnicas (ou tecnoimagens) projetadas por programas escritos em linguagem computacional e executados por aparelhos eletrônicos (exemplos de imagens técnicas: fotografias, vídeos, gráficos gerados por computador; imagens de microscópio, telescópio, raios-x e infravermelho; artes digitais em meios diversos, interfaces de sistemas, hologramas etc.). À medida que a projeção é vista de mais perto, percebe-se que ela não é contínua: é composta por pontos, pixels distribuídos segundo a programação e capacidade computacional. A imagem técnica não faz referência a um passado ou futuro da consciência histórica: está num plano formalístico atemporal, de modo que, sem o conhecimento específico do programa, não há qualquer referência que permita falar seguramente a respeito de sua veracidade. A cultura das imagens técnicas, ainda em formação, apresenta essas características: é formalística, pontual, sintética. O contato com o mundo recupera a visualidade, porém de um modo ontologicamente distinto: ao fundo das imagens não há mais um mundo natural de primeira ordem, mas programas que podem ser decifrados, editados e manipulados para projetar realidades alternativas.

## Imagens técnicas, midiatização e a reviravolta do comunicacional

A midiatização se consolida como “clima” da cultura globalizada à medida que

as imagens técnicas começam a assumir protagonismo em relação aos textos. Estes eram, até então, pelo código unidimensional, articuladores da consciência histórica que, por sua vez, é um modo de cognição sustentado pelo poder de uma elite letrada, culta, que concebe e narra o mundo como uma sucessão de acontecimentos dentro de uma estrutura linear – isso então se dissemina e vira o senso comum. O modo de encobrimento do código unidimensional é domar o caos organizando-o em linhas.

Já o modo de existência na midiatização é radicalmente novo e não pode ser suficientemente compreendido utilizando-se os métodos anteriormente válidos para alcançar verossimilhança. Esse estar-no-mundo é formalístico: em vez de uma sucessão de eventos que seguem uma direção (do passado para o futuro) dentro de uma narrativa central, os acontecimentos na midiatização se distribuem em uma vasta rede telemática, em que cada nó de seus fios fornece possibilidade de combinação de narrativas diversas, sem que se possa identificar um fio único de origem. Qualquer pretensão de realidade, verdade e verossimilhança, portanto, já não pode ser obtida estritamente pela investigação histórica tradicional: não se trata de rastrear a origem de uma imagem técnica no repositório dos fatos da consciência histórica. “As imagens técnicas são projeções que projetam significados de dentro para fora [...] é precisamente isto o seu ‘sentido’ (*sinn, meaning*)” (FLUSSER, 2012, p.69). O correto seria rastreá-la nas teorias científicas que lhe deram origem, ou seja, descobrir em qual programa está escrita e, principalmente, editada.

Há uma forte alteração na cognição e no senso de realidade nessa nova cultura, que se baseia em um novo código configurador da experiência vivida. Flusser (2012) aponta que ela tem um caráter “pós-histórico” não somente porque sucede um modelo que chamávamos de história, mas porque sua própria essência já carrega a ideia de *ausência* de história. O formalismo lógico-matemático trabalha com ideias eternas, atemporais. Não faz sentido dizer que uma equação matemática é válida em uma dada circunstância histórica e em outra não. Ela o é sempre. A ideia é que o universo, embora seja indescritível (pelos textos), é perfeitamente calculável (pelos números) – ao menos esse é o pressuposto da concepção de mundo reduzida à competência da racionalidade matemática, e que vem a produzir grandes mudanças no tecido social, em diferentes áreas.

Essa dinâmica começa a indicar um novo tipo de futuro, no qual a imagem técnica é entronizada e passa a retroagir sobre os acontecimentos. Há uma inversão de prioridades entre a função tradicional da imagem, que era ser complemento da experiência; para uma situação em que a própria experiência se torna complemento da imagem ou até mesmo é *produzida* com o fim de complementá-la. Eventos começam a acontecer para se transformar em imagens: casamentos acontecem para ser fotografados, textos em jornais tornam-se “pré-textos” para as fotografias, guerras são travadas para virar filmes. Os eventos passam a se articular em torno do sentido da imagem, e a história acelera em direção a ela.

A atividade científica expressa cada vez mais seus resultados e articula suas novas investigações por modelos imagéticos: estatísticas, diagramas, gráficos, simulações, informativos digitais, documentários de divulgação científica etc. A arte segue caminho parecido, com enfoque menor em sua base material de composição e maior no modelo abstrato que a guia, isto é, no *design*. Nesse ínterim, é interessante perceber que a produção científica e a artística começam a apresentar modos convergentes de produção e expressão.

Flusser (2012) vê na atividade artística a “neguentropia”, que está no cerne de sua ideia de comunicação: a produção do improvável diante do crescimento constante das probabilidades condicionadas. É por isso que, numa convergência entre arte, ciência e comunicação que seja engendrada por uma consciência crítica e criativa, novas possibilidades de experiências e politização surgem. O mesmo mecanismo guarda, porém, o risco de ser tomado por uma ideologia totalitária e tecnocrática, caso não se articulem resistências. A cultura das imagens técnicas, mais do que nunca, é terreno de disputa pela comunicação e suas estruturas.

Delineadas então as mudanças socioculturais decorridas da midiatização, pode-se convocar aquele elemento provocado no questionamento inicial: o objeto comunicacional. O tensionamento que o código zero dimensional provoca na epistemologia moderna tem inegável repercussão na discussão do comunicacional.

Na fase dos artefatos, das imagens tradicionais e dos textos, os códigos eram intuitivamente percebidos como “objetos”, ou seja, como algo inserido entre a percepção imediata (material) de uma informação e a sua percepção significativa (intersubjetiva). Isso favoreceu a visão dualista de comunicação como transmissão ou ponte que leva informação de um ponto a outro. O motivo dessa percepção, no entanto, é simples: os códigos tri, bi e unidimensionais possuem extensão e suas proporções são designadas para a escala da corporeidade humana – manuseio tátil, visualização e leitura a olho nu. Por isso são percebidos como separados.

Quando se mergulha, porém, no código zero dimensional, conclui-se que ele não é intuitivamente percebido como algo que faz ligação entre uma percepção imediata e outra significativa (que estaria “por trás”), e isso por alguns motivos. Primeiro porque as imagens técnicas projetadas por aparelhos não são apenas imagens tradicionais digitalizadas: elas na verdade podem simular a experiência em múltiplas dimensões (hologramas são um exemplo). Depois, porque o código zero dimensional é constituído de pontos discretos, manipuláveis em escalas tão microscópicas quanto permitirem as tecnologias de ampliação, inconcebíveis pelos sentidos primários. Além disso, e o mais essencial, esse novo código possui uma natureza que não é nem subjetiva nem objetiva – ela está, segundo Flusser, numa zona cinzenta, de virtualidade – justamente na fonte de onde brotam sujeitos e objetos (FLUSSER, 2014, p.102). Ele dá o exemplo da física de partículas: quando chegamos ao átomo, que seria a menor parte da matéria, percebemos que ele pode ser fracionado em partes ainda menores (*quarks*) e assim

por diante. Até que se chega a um ponto em que não é possível distinguir se a nova fração infinitesimal alcançada é de fato um objeto da natureza ou se é uma projeção da racionalidade impingida na observação do fenômeno (p.103).

O conceito de pós-história flusseriana, enfim, converge para o que se nomeia midiatização no campo da comunicação, com sutis diferenças no percurso reflexivo; visto que a última é elaborada no seio das teorias da comunicação de matriz sociológica, enquanto a primeira é produto do método fenomenológico. A midiatização marca a consolidação de uma tendência em que o *comunicacional*, antes difuso nos processos de construção da cultura e cognição, passa a assumir posição central – não como fenômeno palpável que se apresenta claramente no presente, mas como virtualidade que mobiliza a história desde o futuro. Diante dessa ambiência marcada por uma tensão comunicacional, Flusser enxerga as possibilidades dentro de um contínuo balizado por dois extremos: 1) o pensamento tecnoimagético se descolaria de modo progressivo e cada vez mais irreversível do conceitual, o que causaria alienação, desagregação política e comunitária, controle tecnocrático, triunfo do discurso pseudocientífico, obscurantismo; conduzindo a “um ‘totalitarismo uniformizado’ (*gleichgeschalteter autoritarismus*)” (FLUSSER, 2014, p.43); 2) o pensamento tecnoimagético conseguiria resgatar o conceitual por meio de uma cultura mais consciente, capaz de realizar a transcodificação: tem-se um senso de realidade recuperado, forma-se uma esfera pública em rede, com capacidade de usar os aparelhos para gerar diálogos, com produção e crítica da informação, orientadas por uma solidariedade ética e política.

O importante, contudo, não é entrar em aventuras futuroológicas para “descobrir” qual será o rumo. Muito antes, delimitar com clareza *o que está criando* a dicotomia. Apoiado em Flusser, pode-se conjecturar que se trata da comunicação caminhando para sua singularidade: a humanidade se engaja na tentativa de criar progressivamente uma interface comunicacional, que porte o máximo de informação e, ao mesmo tempo, gere o maior sentido possível; porém, o faz sem estar realmente equipada para decifrar a própria criação – o que se percebe no colossal volume de dados e teias de sentido produzidos telematicamente sem que ninguém tenha uma meta-visão que abarque as reais dimensões e a velocidade do fenômeno.

## Conclusão

A comunicologia flusseriana entra como possibilidade de pensar a comunicação tanto em seu aspecto primordial (experiência da língua) quanto atual, ou seja, seu momento presente, cada vez mais acelerado e complexificado pela midiatização. Se o objeto comunicacional tem uma faceta como *informação* e outra como *sentido*, segue-se que a midiatização justamente por se apresentar como momento singular de confluência entre essas duas dimensões, é constituída de imenso potencial comunicacional. Como tal, pode ser investigada pela combinação de diferentes

métodos. Daí que, para revelar as diferentes faces desse fenômeno, a comunicologia pode empregar ora o método das ciências exatas (informática, análise dos códigos, correlações estatísticas de processos de codificação/decodificação), ora o da filosofia (fenomenologia, ontologia, antropologia e pragmática da comunicação), ora o da crítica cultural (crítica da comunicação), ora o da arte criadora (linguagens comparadas, tradução transmidiática). Tudo isso a depender da densidade dos problemas elencados pela discussão teórica e trabalhados pelas especialidades de diferentes pesquisadores. Assim, buscou-se resgatar a importância de Flusser para o desenvolvimento de um saber comunicacional, caracterizado por um laço indissolúvel entre epistemologia e ética, visto estar endereçado a um tempo marcado pela crise de sentido.

## Referências

- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004a.
- BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004b.
- FERRARA, L. **A comunicação que não vemos**. São Paulo: Editora Paulus, 2018.
- FLUSSER, V. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007a.
- FLUSSER, V. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado**: por uma filosofia do *design* e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007b.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- HANKE, M. A comunicologia segundo Vilém Flusser. **Galáxia**. São Paulo, n. 7, p.59–72, abr. 2004.
- MARCONDES FILHO, C. Propostas e insuficiências de Vilém Flusser. **Revista Em questão**, Porto Alegre, vol.12, n.2, p.423–456, julho/dezembro 2006.
- QUIROGA, T. **Pensando a episteme comunicacional**. Campina Grande: Eduepb, 2013.
- SHANNON, C; WEAVER, W. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: Difel, 1975.
- WIENER, N. **Cibernética e sociedade**. São Paulo: Cultrix. 1968.